

## HISTÓRIA DE VIDA DO PROFESSOR DESIDÉRIO AYTAI CONTADA POR ELE MESMO

A 24 de junho de 1998, dois dias antes de completar 93 anos, faleceu em hospital de Campinas o Professor Dr. Desidério Aytai. Todos os que o conheceram, que privaram do seu convívio e com quem ele prodigamente repartiu, a mãos cheias, seus conhecimentos e sua sabedoria de vida, sabem avaliar a magnitude dessa perda.

Qualquer perfil para traçar-lhe a carreira seria insuficiente para recordar o Professor Desidério Aytai a todos a quem ajudou de uma maneira ou outra. Mas entre os papéis e documentos do espólio do Professor Desidério Aytai encontramos um rascunho de carta, de próprio punho, contando sua trajetória de vida. Pensada como um currículo informal, a carta destinava-se ao Dr. Antonio Alexandre Bispo do Instituto de Musicologia de Colônia, organizador da obra **As culturas musicais indígenas no Brasil**, em três volumes, patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Um desses volumes compreende os trabalhos etnomusicológicos do Professor Desidério Aytai, vertidos para o alemão e em português, com resumos em francês e inglês, a sair do prelo em 1999. O texto da carta, redigido com singeleza característica, lembra o Professor Desidério Aytai em suas diferentes capacidades e revela aspectos de sua vida que ele, em sua extraordinária modéstia, dificilmente mencionava. E vai acompanhado da saudade funda de

Renata P.P. Leite Antônio  
Eufrosina Rosário  
Thekla Hartmann

18.1.1995

"Nasci em 26 de junho de 1905 em Budapeste, Hungria, primogênito de meus pais, que eram da classe média.

Estudei na Hungria, com dois anos de interrupção durante os estudos universitários que passei na Argentina e dediquei à análise de problemas de engenharia teórica na universidade de La Plata, para depois obter o diploma de engenheiro mecânico-eletricista da Real Universidade Técnica de Budapeste. Sempre interessei-me pelos problemas matemático-mecânicos, ganhei prêmios em concursos científicos e publiquei alguns trabalhos em revistas de engenharia.

Desde a infância estudei piano com professores particulares e também em escolas públicas de música, incluindo contraponto e harmonia. Cativou-me o problema da pentatonía na antiga música húngara e suas relações com a música de grupos menores de povos na Ásia com que os húngaros tiveram contato há 2 ou 3 mil anos. Um dos casos mais conhecidos é o do povo **Mari** da Ásia Boreal, também chamados Txeremis, que não só usa a mesma escala existente na atual música folclórica húngara, mas mostra a mesma estrutura básica da linha melódica (...). A falta de verba, e o período de forte tensão política entre as duas Grandes Guerras, impediram-me a realização de uma viagem de pesquisa aos Txeremis, na União Soviética.

Em 1931 casei-me com a pianista-organista Elizabeth Lázár, com quem passei uma vida matrimonial das mais felizes e harmoniosas até seu falecimento em 1990.

Em 1929 meu pai faleceu em circunstâncias trágicas e eu tinha que manter minha mãe e meus dois irmãos: Tibor que, durante seus anos universitários ficou gravemente doente (esquizofrenia), mais tarde foi lobotomizado em Paris e está comigo até hoje, com 88 anos de idade. Meu irmão menor, Nicolau, formou-se em química, inclusive doutorado e, mais tarde, com a introdução do comunismo pelos russos, entrou na política e chegou à posição de vice-primeiro-ministro.

Precisei trabalhar muito para manter minha família e mais tarde minha esposa também, e entrei no serviço da Real Estrada de Ferro da Hungria, como engenheiro, chegando mais tarde à posição de engenheiro chefe, depois conselheiro técnico e finalmente conselheiro superior técnico.

Com minha mulher levamos uma vida intensiva de atividades musicais: ela deu numerosos concertos de música clássica, e não perdemos

nenhuma oportunidade para assistirmos aos concertos maiores de música clássica.

Depois da guerra, em 1946, o governo de colisão da Hungria, ainda não comunista, recebeu um empréstimo de 5 milhões de dólares para fazer compras de material "surplus", isto é, o que o exército americano usou na guerra (excluindo-se naturalmente as armas), mas não levou de volta aos Estados Unidos. Os 5 milhões daquela época correspondem aproximadamente a 50 milhões de dólares hodiernos. Fui convidado a representar a Real Estrada de Ferro na comissão de compras (provavelmente porque dominava as línguas húngara, inglesa, francesa, alemã e italiana). Fomos a Paris sob o comando do Ministro das Finanças da Hungria, esperando voltar em 2 ou 3 semanas. Quando, depois de um mês, nem iniciáramos ainda as compras, o Ministro não pôde mais ausentar-se do país, e eu fui nomeado para chefiar a comissão. Quando, meses depois, gastei os 5 milhões de dólares, consegui com as autoridades americanas aumentar o crédito sucessivamente para 10, 15 e, finalmente, para 30 milhões de dólares. Trabalhei na França, Bélgica, Holanda, Alemanha e, em fins de 1947, fui a Washington para estender o crédito para navios também. Ali fiquei sabendo que - talvez com a ajuda do exército da União Soviética - foi feita uma eleição na qual o partido comunista ganhou acima de 90%. Resolvi não voltar mais à minha pátria; imigrei, junto com minha família, para o Brasil. Comprei um sítio, tinha granja, trator e terraceamento da lavoura. Passados os primeiros anos de luta dura, podia pensar em minha atividade predileta, a antropologia. Em 1960, com a orientação do erudito Padre Salesiano Ângelo Jayme Venturelli, visitei pela primeira vez os índios Bororo e Xavante.

A primeira visita abriu-me a perspectiva para executar interessantíssimas pesquisas, principalmente na música indígena, naquela época quase desconhecida.

A partir de 1960, não passou ano sem visitarmos tribos, às vezes até perigosas (os Nambiquara-Sararê), coletando gravações de cantos e de música instrumental. Nunca fiz viagem de pesquisa sem minha saudosa mulher que me acompanhou em marchas de 8-10 dias nas matas virgens de Mato Grosso, carregando ela 15, eu 25kg nas costas, e mantendo as nossas forças com doses maiores da bebida guaraná, usada

no Amazonas pelos próprios índios. Com a passagem dos anos visitamos e estudamos as seguintes tribos, algumas delas várias vezes: Bororo, Xavante, Paressi, Mamaindê, Nambiquaras do Galera, Halótesu, Nambiquaras Sararê, Guarani do litoral paulista, Karajá.

Durante todos esses anos de pesquisa trabalhei também como engenheiro nas fábricas Singer, Merck, Sharp and Dohme, e General Electric, em Campinas. Fiz muitas palestras sobre nossas expedições, projetando as fotografias feitas de índios e algumas exposições também, com artefatos coletados nas viagens. Provavelmente foi por este meio que o Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC) ficou conhecendo minhas atividades de antropologia e de arqueologia também, estas últimas resultando de minhas escavações nos sambaquis - montes pré-históricos de conchas que os índios amontoaram a partir de 12-15.000 anos atrás - e descobri o sambaqui de Jaraçatiá de 5-6.000 anos de idade. Fui convidado a ser professor de antropologia em vários setores da PUCC (Ciências Sociais, História, Serviço Social, Psicologia, Comunicação) e, mais tarde, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) também (cursos de Medicina e de Problemas Brasileiros).

Publiquei numerosos trabalhos antropológicos e arqueológicos não só em revistas científicas do Brasil (Revista da PUCC, Revista de Antropologia, Revista do Museu Paulista, Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, Cartilha Etnomusicológica, de Campinas, Notícia Bibliográfica e Histórica, de Campinas, Staden-Jahrbuch, de São Paulo), mas no estrangeiro também (Bulletin de la Société Suisse des Américanistes, Cahiers de Musiques Traditionelles, de Genebra, Revista Alma Mater da Universidade de Guadalajara, do México, Latin American Music Review da Universidade de Austin, Texas) e outras revistas menores. Na Coleção Museu Paulista, Série Etnologia, apareceu meu livro sobre a música xavante (volume 5) que essencialmente era a minha tese de livre-docência. Desde 1977 estou editando uma revista dedicada à antropologia, arqueologia e folclore: Publicações do Museu Histórico de Paulínia, edição feita em cópias xerox, que aparece quatro vezes por ano. O número total de meus trabalhos publicados está em volta de cem.

Organizei os seguintes museus (não falando dos da Hungria): Museu de Antropologia da PUCC, Museu Municipal de Paulínia, Museu Municipal de Monte Mór, Museu Estadual de Tupã, Museu do Centro de

Ciências, Letras e Artes, de Campinas, Museu do Bosque dos Jequitibás da Prefeitura de Campinas, tendo ministrado vários cursos de museologia.

Em 1967-68 fundei e fui o primeiro decano da Faculdade de Engenharia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

No momento, com quase 90 anos de idade, não posso mais viajar a meus queridos índios, mas continuo publicando os resultados de minhas pesquisas feitas no passado."